

O outro palco de Reginaldo Faria

Fotos/Mônica Martins/Divulgação e Divulgação

Aos 87 anos, ator lança álbum autoral com 13 composições inéditas que revelam sua relação íntima com o violão e a música instrumental

Por Affonso Nunes

Com uma longa carreira dedicada à televisão e ao cinema, Reginaldo Faria se tornou um rosto familiar para o público brasileiro. Protagonizou tramas marcantes como “Vale Tudo”, “Água Viva”, “Dancin Days” e “Baila Comigo”, além de participações expressivas em produções como “O Clone”, “Espelho da Vida” e “Tieta”. No cinema, atuou em clássicos como “Assalto ao Trem Pagador”, “Lúcio Flávio” e “Cazuza – O Tempo Não Para”. Mas poucos sabem que, longe das câmeras, Reginaldo cultivou outro ofício com igual entrega: a música.

Desde a juventude, o violão foi seu refúgio íntimo. “Era meu companheiro nos momentos de alegria e solidão”, conta. Muitas das composições que nasceram nesses encontros silenciosos permaneceram restritas a amigos próximos, trilhas de novelas e filmes. Agora, essas criações ganham o público com o lançamento do álbum “Violão”, que chega às plataformas digitais pela gravadora Kuarup.



Em paralelo ao seu trabalho como ator e diretor, Reginaldo Faria compunha canções que revela agora no álbum ‘Violão’



A abertura do disco, “Arpejo em Fá”, nasceu das aulas exigentes de um antigo professor. Composta como um exercício de técnica e dedicação, a faixa traduz a influência didática que marcou seu início musical. Já “Baseada em Astúrias” presta homenagem ao compositor espanhol Isaac Albéniz, cuja obra o levou a imaginar-se entre os grandes violonistas.

Em “Navegar com Regis e Celo”, a inspiração vem do amor. O mar, símbolo da infinitude, representa uma relação que parecia inabalável. Outras vezes, a criação emergia do instante: “Dia dos Namorados”, por exemplo, tem o mesmo título de uma peça teatral escrita por ele, mas foi composta

em resposta ao momento vivido, não ao enredo cênico.

A imaginação também se alia à escuta. “Romance”, apesar do nome, não segue uma lógica romântica. “Ouvi esse ritmo em algum lugar e ele ficou em mim”, explica. Em “Catedral”, os sons graves e agudos dos sinos se alternam como se estivessem em igrejas diferentes, criando um clima contemplativo.

A música “Ré Menor e Omar” relembra Jorge Omar, um violonista amigo de Reginaldo. Ao lado dele, a figura paterna surge em “Pai”, talvez a mais tocante do repertório. Composta num quarto pequeno, ao lado de uma estante feita pelo próprio pai, a canção carrega uma

história de perda, memória e um suposto estalo no meio da noite – como se a presença do pai ainda rondasse o instrumento.

“Sax e Violão” nasceu para o cinema. A composição acompanha a história de dois garotos que, em estados diferentes, criam a mesma melodia sem jamais terem se conhecido. Em “Estudo Para Violão”, a ausência de motivos levou à simplicidade do nome: era só ele, seu instrumento e o som.

Outras peças remetem a lugares e sentimentos específicos. “Tarde Cinzenta” evoca a melancolia do início de carreira, vivida num apartamento alto na avenida São João, em São Paulo. “Wilmar Saudades” homenageia um tio querido, igno-

rada por anos até ser redescoberta por um cantor em Roma. A música acabaria integrando a novela “Espelho da Vida”, embalando o par romântico vivido por ele e Irene Ravache.

A faixa final, “Trânsito Maluco”, foi composta ainda na adolescência, fruto da inquietação de um menino de treze anos com dedos ágeis e influências que ele nem sabia nomear. “Não sei definir. Mas sei que tinha uma vontade voraz de tocar.”

Em “Violão”, Reginaldo Faria revela um lado autoral que permaneceu à margem por décadas. Um projeto feito com a alma, agora livre para encontrar outros ouvidos e outras histórias.